

Um homem chamado dignidade

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Sobre José do Rego Maciel, o pai de família exemplar, o político conciliador, o administrador de visão, o estudioso da norma jurídica, o desportista sem sectarismo, eu já disse, reiteradas vezes, em conversas com amigos, admiradores, familiares, que ele não veio à vida a passeio. Veio para fazer história. E o fez pela elegante sobriedade com que viveu.

Em todos os instantes do seu longo existir – 98 anos bem vividos – foi um artífice das boas causas, um construtor de padrões éticos, um formulador de entendimentos.

Afável, sereno, humano, deu a Pernambuco, ao Nordeste e ao Brasil uma prole que se mirou no seu exemplo.

Um sábio na humildade e um nobre na educação.

Depois, era, por índole, um homem do diálogo.

Contam, os que com ele conviveram, ao tempo em que exerceu o cargo de secretário da Fazenda no governo Agamenon Magalhães, que a atmosfera do Estado Novo não penetrava no seu gabinete.

As idéias, as convicções, os despachos, as opiniões doutrinárias, as decisões terminativas, tudo era discutido, avaliado, decidido no chão sagrado da liberdade de divergir.

Um democrata, sem dúvida, dentro da moldura aristotélica do vocábulo. Na palavra e na ação.

Religioso, com ele, algumas vezes, entabulei diálogo sobre passagens bíblicas, sentindo, de sua parte, encantamento pela vida do Apóstolo Paulo, sobretudo no capítulo atinente à conversão na Estrada de Damasco.

Lembrei-me, aqui e agora, de um texto de São Paulo Apóstolo, na segunda carta a Timóteo, quando diz: “Combati o bom combate. Realizei a minha tarefa. Guardei a fé”.

Na sua vida retilínea, honrada, proba, ele, igualmente, à confissão do Apóstolo, guardou a fé, combateu o bom combate, realizou a sua tarefa.

Um homem, pois, cuja vida, com certeza, todos gostariam de seguir-lhe o exemplo.

Um valor moral que orgulha os seus conterrâneos.

Sem dúvida, por direito e por mérito, um homem chamado dignidade.